



Recebido em:
04/07/2017
Aprovado em:
06/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA A PARTIR DA PRÁTICA DO JUDÔ

PEROLINA SOUZA TELES
CÂNDIDA LUISA PINTO CRUZ

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise da prática pedagógica inclusiva, desenvolvida com uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), através da prática esportiva do Judô. O principal objetivo é refletir sobre como esta prática pode auxiliar na Inclusão e no desenvolvimento de uma criança com TEA. As principais referências: Mantoan (2015), Orrú (2012) e Vygotsky (1989), entre outros. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, utilizando como estratégias a observação da cerimônia de troca de faixa e a entrevista com o professor de Judô, partindo também da transcrição do questionário de perguntas abertas. Finalizamos fazendo uma reflexão sobre a importância da prática esportiva, enquanto aprendizado lúdico, e fortalecedora dos laços sociais, a qual pode oportunizar a Inclusão em diversas esferas sociais (escola, família, grupos de apoio, círculos de amizade).

Palavras-chave: Inclusão, Judô e Transtorno do Espectro Autista (TEA).

RESUMEN

El presente trabajo hace un análisis de la práctica pedagógica inclusiva, desarrollada con un niño con Trastorno del Espectro Autista (TEA), a través de la práctica deportiva del Judo. El principal objetivo es reflexionar sobre cómo esta práctica puede ayudar en la Inclusión y el desarrollo de un niño con TEA. Las principales referencias: Mantoan (2015), Orrú (2012) y Vygotsky (1989), entre otros. La metodología utilizada fue el estudio de caso, utilizando como estrategias la observación de la ceremonia de intercambio de banda y la entrevista con el profesor de Judo, partiendo también de la transcripción del cuestionario de preguntas abiertas. Finalizamos haciendo una reflexión sobre la importancia de la práctica deportiva, como aprendizaje lúdico, y fortalecedora de los lazos sociales, la cual puede oportunizar la inclusión en diversas esferas sociales (escuela, familia, grupos de apoyo, círculos de amistad).

Palabras clave: Inclusión, Judo y Trastorno del Espectro Autista (TEA).

INTRODUÇÃO

Um diagnóstico de uma determinada síndrome ou transtorno, em geral, traz consigo a mudança drástica na rotina familiar. Todo o acompanhamento terapêutico exige esforço e dedicação também da família. Cada novo olhar sobre o tratamento requer tempo, dedicação e amadurecimento e, quase sempre, investimento financeiro, psicológico e emocional de todo o núcleo familiar. Todas as escolhas de terapias e tratamentos, feitas pela família, deve ter como premissa favorecer o desenvolvimento da criança, focando sempre nas principais dificuldades apresentadas pelo diagnóstico relacionado.

Parto desse preâmbulo para relatar neste artigo um pouco da história de Miguel[i], um garotinho de 6 anos, que estuda em uma escola da rede privada de ensino de Aracaju/SE, diagnosticado aos 2 com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Apresentamos neste artigo a sua relação com a prática esportiva do judô que, de forma lúdica e pedagógica, tem como principal objetivo auxiliar no tratamento do Autismo.

O esporte Judô tem sua origem no Japão e significa “caminho suave”, tem como um dos seus princípios o não uso da violência, utiliza alavancas na movimentação que auxiliam no dia a dia ensinando a cair e levantar, a disciplina e o respeito às pessoas, e a reconhecer sua força e a utilização dela somente em casos extremos. É importante ressaltar que essa prática foi indicada justamente por uma das terapeutas do garoto, pela necessidade de uma prática corporal com objetivo de socialização e desenvolvimento das habilidades motoras e valências psicomotoras.

“O autismo é uma palavra de origem grega (*autós*), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria para denominar comportamentos humanos que se contralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo” (ORRÚ, 2012, p. 17). Léo Kanner foi o primeiro pesquisador a publicar sobre o Autismo, em 1948 ele escreveu um manual de Psiquiatria Infantil que tinha o Autismo como um dos temas principais. De lá pra cá, muito se avançou em pesquisas e em definições acerca desse Transtorno.

“Segundo Gaspar (1998), neuropediatra, o autismo tem sido notório em 20 crianças a cada dez mil nascidos, número que vem crescendo nos últimos anos, não se restringindo à raça, à etnia ou ao grupo social” (ORRÚ, 2012, p. 23). Não obstante a representatividade deste público nos diversos espaços de convivência social, atualmente com presença frequente nas escolas regulares, garantida por Legislações que versam sobre a Inclusão e Direitos desses sujeitos - a exemplo da **Lei Nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista** - observamos que o tratamento das suas características particulares ainda é um desafio para médicos e terapeutas.

Mas o que as pessoas com TEA teriam em comum A singularidade, o fato de serem únicas, de apresentarem características completamente diferentes, em graus diversos. Sendo Autismo leve, moderado ou severo, nenhuma pessoa com Autismo possui as mesmas características de outra com o mesmo diagnóstico. Por isso, nunca poderemos com a ajuda de manuais, testes, tabelas ou provas encontrar os mesmos sintomas em todos os diagnósticos de Autismo.

Poderemos citar como sintomas mais conhecidos: ausência de fala, dificuldade na socialização/interação, dificuldade em realizar o contato visual, déficit de atenção, presença de fala ecológica, birras sem uma razão aparente, isolamento do contexto social, engajamentos em atividades repetitivas; interesses restritos; movimentos estereotipados; resistência a mudanças; necessidade de rotinas fixas; respostas pouco usuais ou descontextualizadas em relação a experiências sensoriais; em alguns casos, podem ser pensadores visuais, possuindo excelente memória fotográfica; podem desenvolver altas habilidades em áreas específicas, entre outros.

Os tratamentos das características do Autismo também se apresentam com uma diversidade de possibilidades, citamos como exemplo: Fonoaudiologia; Terapia Ocupacional; Psicoterapia; Psicopedagogia; Equoterapia; Musicoterapia; Prática esportiva em geral. No caso específico de Miguel, que frequenta a escola regular no turno matutino (em 2016 estudava no Infantil II, turma compatível a sua idade), o tratamento recomendado engloba: sessões de Terapia Ocupacional, com enfoque na Integração Sensorial, Fonoaudiologia e Psicoterapia, segundo a abordagem Comportamental de desenvolvimento, desde os 2 anos de idade, todas as sessões são realizadas no turno vespertino.

A partir do ano de 2016, com 5 anos, Miguel inicia sua participação nas aulas de Judô, realizadas no espaço escolar, no contraturno. Esta escolha se apresenta como uma abertura para novas possibilidades de intervenção na formação de Miguel, pois consegue unir a estimulação motora e a interação social em uma mesma atividade. É nesta prática que focaremos nossas análises neste estudo de caso, ressaltando como o esporte pode promover o desenvolvimento motor e cognitivo em crianças com Autismo.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Refletir sobre como a prática esportiva do judô pode auxiliar na Inclusão e no desenvolvimento de uma criança com Autismo.

Objetivos específicos:

- 1 – Apresentar características do Transtorno do Espectro Autista e suas possibilidades de tratamento;
- 2 – Relacionar a prática esportiva do judô ao desenvolvimento cognitivo-motor de crianças com Autismo;
- 3 – Pontuar, através da realização de entrevista com o professor de judô e a observação do exame de troca de faixa, sobre como essa prática promove a Inclusão;

MÉTODO

Escolhemos como procedimento metodológico o Estudo de Caso, realizado dentro de uma abordagem histórico-cultural. Elucidaremos nossa pesquisa, de cunho qualitativo, a partir de apenas um caso. É importante ressaltar que não temos com isto objetivo de generalização a partir das análises demonstradas, posto que acreditamos que existe uma diversidade de comportamentos que se apresentam nos sujeitos com Autismo e níveis diversos dentro do Espectro, fato que por si só já nos aponta a impossibilidade da generalização. Nesse sentido, corroboramos com a ideia de Gil (2002), quando afirma que:

[...] os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados. (GIL, 2002, p. 55)

Entendemos que o caso específico de Miguel é capaz de exemplificar, ainda que com seu caráter unitário, como a prática esportiva é importante para a formação de laços sociais e uma ponte para a construção de novas habilidades, favorecendo dessa forma a aproximação com nossos objetivos. Para tanto utilizamos as seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica; observação da cerimônia de troca de faixa, realizada na quadra da escola que o garoto estuda – em 16 de setembro de 2016, às 19 horas - e efetuação de um questionário de perguntas abertas com o professor de judô, o qual foi respondido por escrito e devolvido em 30 de janeiro de 2017.

O questionário oferecido ao professor Cravo foi composto por 6 perguntas e apresentava questões sobre a experiência docente, como professor de judô; prática de ensino; percepção acerca inclusão; e sobre o caso específico de Miguel e o desempenho do mesmo ao longo das aulas. A observação da cerimônia de troca de faixa foi importante para criar um panorama real sobre a relação de Miguel com o judô, seus colegas, professor e auxiliares.

O JUDÔ COMO PRÁTICA ESPORTIVA E A O SUJEITO COM TEA

Para elucidar a importância da prática esportiva no desenvolvimento de pessoas com Autismo relatamos um exemplo significativo, encontrado em uma reportagem de 13 de abril de 2016. O título é “Judoca autista é homenageado em sessão solene na Assembleia Legislativa do Tocantins”, a mesma conta como foi a participação de um garoto com Autismo em aulas de judô na Associação Desportiva Guerra, Entidade de Utilidade Pública Estadual, que mantém um projeto social no Tocantins desde 2009. Nos chama atenção o relato feito pelo professor Daniel Iglesias, durante a

cerimônia de troca de faixa do aluno Pedro Henrique, sobre a Inclusão de alunos com deficiência:

Eles precisam aprender as regras de convívio como qualquer outro aluno iniciante. Também precisam entender que existe o certo e o errado e o momento específico para cada atividade. E fica para os demais a mensagem que somos todos um pouquinho diferente um do outro, mas que isso não interfere em nada no nosso convívio. (ASCOM ADG, 2016, p. 01)

Observamos com essa fala que as características que podem se colocar como dificuldades para pessoas com Autismo, podem também ser plenamente superadas com a utilização de uma prática adequada às demandas específicas de cada aluno. Também demonstra como essa diversidade pode favorecer a experiência da prática esportiva, mostrando que as diferenças não são barreiras e que isto não interfere no bom relacionamento entre as pessoas.

Durante a observação de troca de faixa de Miguel, realizada no dia 16 de setembro de 2016, o mesmo estava muito animado com o momento, pois sairia da faixa branca para a cinza, apesar da sua inquietude para esperar o início da cerimônia e sua dificuldade em permanecer sentado junto com os colegas, observamos que ele conseguiu compreender o roteiro apresentado pelo professor, participando da rotina colocada por Cravo e realizando os movimentos solicitados para demonstrar as condições necessárias para efetivar a troca da faixa, contando sempre com a mediação dos auxiliares e estagiários presentes no evento.

O nome de Miguel foi o primeiro a ser chamado para receber a nova faixa, neste momento observamos a boa relação do professor com o aluno e a satisfação de Miguel em poder participar daquele momento, junto com seus colegas. Compreendemos que existe um simbolismo na troca de faixa, que aquele foi um momento festivo e muito importante para celebrar a evolução do mesmo na prática do judô. Assim, entendemos que é possível que seu diagnóstico possa dificultar a realização de alguns movimentos, mas sem nenhuma dúvida a formação de vínculos sociais e a melhoria da condição psicomotora de Miguel estão sendo proporcionados pela prática do esporte.

[...] a atividade esportiva quando conduzida em uma perspectiva lúdica, utilizando como conteúdo as expressões corporais do movimento, as brincadeiras e os jogos, propicia momentos de alegria, prazer e satisfação. Avaliamos, assim, que quando trabalhada nessa direção a atividade esportiva pode efetivamente possibilitar a construção de um laço social (BONTEMPO; CHAVES; ARAUJO, 2012, p. 01).

Cravo, que possui 28 anos de experiência com o ensino do judô, justifica a importância da atividade esportiva, com o caráter acima descrito, quando afirma que trabalha em suas aulas valores humanos como “Sensibilidade, percepção e solidariedade. Através de questionamentos e exemplos práticos”[ii]. Dessa forma, acreditamos que o judô torna-se uma porta de entrada para o desenvolvimento e a socialização das crianças, beneficiando a estruturação da unidade corporal do sujeito com TEA.

Para o professor Cravo, a prática do judô favorece o desenvolvimento das crianças, “[...] porque o judô trabalha várias temáticas: higiene; postura; hábitos disciplinares; questões humanitárias; interação e principalmente a socialização, a criança aprende fundamentos básicos brincando dando-lhes motivação e maturidade”. O pensamento de Cravo traz uma definição para a prática esportiva que vai além da aprendizagem de execução de movimentos, podendo também ser capaz de favorecer a criação de hábitos, valores humanos e sociais. Portanto, corroboramos com a seguinte definição de prática esportiva:

[...] é uma construção humana historicamente criada e socialmente desenvolvida. As práticas esportivas são consideradas atividades imprescindíveis ao desenvolvimento humano. São preceitos fundamentais à cidadania, à diversidade e à inclusão.

(BONTEMPO; CHAVES; ARAUJO, 2012, p. 01)

Corroborando com esses autores temos Vygotsky (1989), que pontua o adulto como mediador dinâmico entre a criança e o meio no qual está inserida. Portanto, no âmbito do esporte é importante que o professor mantenha com a criança uma relação interpessoal e, principalmente, corporal para que ela conheça e reconheça seu corpo.

As alterações psicomotoras encontradas em sujeitos com TEA relacionam-se a imagem e esquema corporal. O esquema corporal é o entendimento geral que se tem sobre o seu corpo, através dele percebemos as relações existentes entre o movimento e a estática. Sua estruturação ocorre através da aprendizagem e das experiências vividas e experimentadas pelo indivíduo. Tem como base no corpo as sensações interoceptivas (vísceras e labirinto), propioceptivas (visão, olfato, tato, audição) e parte da experiência de seu corpo e de outros que esteja em contato. Leva em consideração seu fundamento fisiológico como suporte neurológico e funcional das experiências corporais, reconhecendo o caráter relacional e pessoal de cada indivíduo em relação ao seu meio. A Imagem corporal é o conjunto de atitudes, consciência e proposições que a pessoa tem do seu corpo em relação ao conjunto de experiências vivenciadas pela pessoa. A imagem do corpo e o esquema corporal são indissociáveis estão interligados em todos os indivíduos e é influenciado pela história do indivíduo e das experiências pessoais.

Sobre as dificuldades do não desenvolvimento das valências psicomotoras nas pessoas com Autismo temos:

O autista apresenta dificuldades de compreender seu corpo em sua globalidade, em segmento, assim como seu corpo em movimento. Quando partes do corpo não são percebidos e as funções de cada uma são ignoradas, podemos observar movimentos, ações e gestos poucos adaptados. (FERREIRA & THOMPSON, 2002, p. 115)

Constantemente encontramos crianças com Autismo ceifadas de atividades corporais, baseadas no desenvolvimento das valências e habilidades motoras, justamente por terem o diagnóstico de Autismo e/ou outra deficiência. Ainda que o processo de Inclusão esteja definido por diversos marcos legais, faz-se necessário a contínua pesquisa e escrita sobre esta temática para colaborar com a formação de professores dentro da perspectiva inclusiva.

Sobre o entendimento a respeito da “Inclusão”, o professor Cravo deu a seguinte resposta “Independente de classe social, raça, deficiência, todos tem o mesmo direito na sociedade e respeito”. Assim Cravo corrobora com a perspectiva de Inclusão que vá além de rampas e banheiros adaptados e que seja para a “Turma toda”, conforme afirma Mantoan (2015). Ou seja, é importante que a escola e seus espaços de convivência sejam lugares de todos e para todos, independente de cor, fenótipo, funcionamento cerebral ou da ausência de algum membro do corpo.

Quando questionamos como ele avalia a experiência de Inclusão do aluno Miguel nas aulas de judô, no ano de 2016, Cravo respondeu “Foi uma vivência muito produtiva e de descobertas, avanço e retrocesso e de aprendizagem”. Dessa forma, podemos perceber que “O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno” (CUNHA, 2009, p. 33). Entendemos que a convivência com as singularidades é uma construção cotidiana e que tanto a maturidade biológica de Miguel, quanto o estreitamento da convivência entre professor-aluno, em conjunto com o auxílio da família, pode favorecer a experiência da Inclusão.

A escolha das atividades esportivas, inseridas pelo núcleo familiar no tratamento do TEA, deve levar em consideração as especificidades de cada caso.

O autista, sendo um indivíduo único, é exclusivo enquanto pessoa. Embora tenha características peculiares no que se refere à síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, acentuação sintomática, histórico de vida, ambiente, condições clínicas, assim como todos nós. Portanto, nem tudo que venha dar resultado para uma pessoa com autismo serve de referência positiva à outra pessoa com a mesma síndrome. (ORRÚ, 2012, p. 30-31)

Por ser uma prática estruturada, o judô propicia o desenvolvimento do equilíbrio estático, a lateralidade e a noção de reversibilidade, essas funções de base são necessárias na aquisição da autonomia e nas aprendizagens cognitivas, essenciais no desenvolvimento de qualquer pessoa e, especialmente, em pessoas com TEA.

A atividade física também auxiliar na realização das atividades da vida diária (AVD's), promovendo a autonomia do sujeito.

Destacando as especificidades do espectro autista, é fundamental o investimento constante nos processos de coletividade. Propiciar condições para o desenvolvimento deles por meio do contato significativo e interativo com o outro é caminhar para além da caridade social, compreendendo suas ações como participações significativas no meio social. (CRUZ, 2014, p. 64)

Essa autonomia, a que nos referimos, diz respeito às possibilidades que cada indivíduo com TEA possui para se desenvolver, devendo ser estimulada pela coletividade, no caso através da prática esportiva do judô.

CONCLUSÕES

A prática esportiva do judô tem favorecido sobremaneira o desenvolvimento motor e cognitivo de Miguel, pois o mesmo demonstra interesse pela atividade e há construção de vínculo social com o professor e demais colegas, favorecendo a sua socialização, atuando positivamente e diretamente em alguns sintomas, característicos do Autismo. Todavia é importante considerar que “As atividades devem possuir caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico” (CUNHA, 2009, p. 54). Portanto, a escolha das atividades, inseridas pelo núcleo familiar no tratamento do TEA, deve levar em consideração as especificidades de cada caso.

Por ser uma prática estruturada, o judô propicia o desenvolvimento do equilíbrio estático, a lateralidade e a noção de reversibilidade, essas funções de base são necessárias na aquisição da autonomia e nas aprendizagens cognitivas, essenciais no desenvolvimento de qualquer pessoa e, especialmente, em pessoas com TEA.

Com a análise deste caso pensamos ser possível fazer algumas considerações acerca da prática esportiva para sujeitos com deficiência. Inicialmente devemos levar em consideração a motivação, interesse e desafios de cada um, ressaltando os gostos pessoais de cada indivíduo para a escolha da prática. Portanto, é fundamental levar em consideração a história de cada sujeito, o mais importante neste aspecto é manter o olhar individual em cada indivíduo, para além da deficiência. A prática esportiva é um aprendizado lúdico que certamente oportunizará a Inclusão em outras esferas sociais (escola, família, grupos de apoio, círculos de amizade). Nesse sentido, o esporte pode facilitar e fortalecer os laços sociais.

O professor Cravo faz uma observação importante para a avaliação positiva da prática do judô por Miguel. Ele afirma que “Em 2017 ele está muito mais participativo”. Apontando dessa forma a importância da continuidade dessa prática para viabilizar ainda mais ganhos no desenvolvimento do aluno. De acordo com Cruz (2014), “[...] é preciso que, por meio da coletividade, a pessoa autista possa caminhar de dentro do seu mundo próprio para o mundo social” (CRUZ, 2014, p. 61). Considerando a abordagem histórico-cultural, concluímos que é por meio das relações sociais mediadas que as pessoas com Autismo poderão obter conquistas no desenvolvimento.

É importante compreender que os sujeitos com TEA têm preferências e personalidade como qualquer outra pessoa e devemos respeitá-la, buscando não ignorar outros aspectos essenciais ao desenvolvimento, como a linguagem, a estruturação psíquica, cognitiva, psicomotora e esportiva. Nesta pesquisa, a prática do esporte Judô objetiva auxiliar no desenvolvimento de outros planos como discorremos anteriormente, propiciando novas formas de expressão e de acesso às funções de olhar e tocar, melhorando sobremaneira a qualidade de vida e a socialização de Miguel.

REFERÊNCIAS

ASCOM ADG. Judoca autista é homenageado em sessão solene na Assembleia Legislativa do Tocantins. Disponível em: Acesso em: 05 de fev. 2017.

BONTEMPO, Valéria Lima; CHAVES, Rodrigo Nogueira; ARAÚJO, Andrea Souto. **O Esporte e a Construção do Laço Social**. Disponível em: Acesso em: 12 de dez. 2016.

BRASIL, **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Lei nº 12.764, Brasília, 27 de dezembro de 2012. Disponível em: Acesso em: 05 de fev. 2017.

CRUZ, Talita. **Autismo e Inclusão**: experiências no Ensino Regular. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

FERREIRA, Carlos Alberto de M. & THOMPSON, Rita. **Imagem e esquema corporal**. São Paulo: Lovise, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças**. 2005. Disponível em: Acesso em: 10 de abr. 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ensinando a turma toda**: as diferenças na escola. Disponível em Acesso em: 15 de set. de 2015.

MAROCCO, Vanessa; REZER, Carla dos Reis. **Educação física e autismo**: relações de conhecimento. Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. | UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010. Disponível em: Acesso em 10 de nov. 2016.

MEC/SEESP. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

ORRÚ, Sílvia Ester. **As singularidades presentes em indivíduos com síndrome de asperger e autismo de alto-desempenho**. Disponível em Acesso em 12 de dez. 2016.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

ORRÚ, Sílvia Ester. Trajetória, avanços e desafios na concepção e educação de educandos com autismo. ORRÚ, Sílvia Ester (Org.). **Estudantes com Necessidades Especiais**: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SOUZA, Jessica Rezende; ASSIS, Renata Machado de. **Alunos autistas nas aulas de Educação Física**: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. Disponível em Acesso em 10 de nov. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1989.

[1] É importante ressaltar que as identidades do garoto e do professor foram preservadas, por questões éticas, recebendo, respectivamente, os seguintes pseudônimos: Miguel e Cravo.

[2] Iremos utilizar a formatação entre aspas, no corpo do texto, para as falas do professor Cravo.

Perolina Souza Teles é Pedagoga pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Psicopedagoga Clínica e Institucional pela (UNIT) e Mestre em Educação pela UFS. Atualmente é Professora da Rede Municipal de Ensino de Aracaju/SE e do Estado de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED). E-mail: perolinasouza@hotmail.com.

Cândida Luisa Pinto Cruz é Especialista em Psicomotricidade, Mestre em Educação pela UFS, docente da Rede Pública Estadual de Sergipe, membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da pessoa com Deficiência (NUPIEPED-UFS). E-mail: candida@infonet.com.br.